

REPRESENTAÇÃO DE NEGROS/AS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Paola Clarinda de Freitas Oniesko¹

Aparecida de Jesus Ferreira²

RESUMO: Este estudo propõe o estabelecimento de uma discussão sobre a importância da leitura das imagens constituintes dos livros didáticos de história na construção das identidades sociais de raça. das imagens constituintes dos livros didáticos de história na construção das identidades sociais de raça. Os referenciais teóricos que deram suporte para esta pesquisa foram: Camargo, Ferreira (2014); Oliveira (2004); Carvalho (2006). Sendo assim, visa responder à pergunta de pesquisa: Como são construídas as identidades raciais através das imagens do livro didático de história do 8º ano da coleção "História.doc", do PNLD 2017, de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-Paraná? Os objetivos centram-se em se estabelecer um perfil da representação negra no LD de história e analisar a repercussão dessas imagens na fala dos alunos/as. A metodologia utilizada foi a análise de imagens (JOLY, 2007; JOUVE, 2002), pesquisa qualitativa interpretativista e documental (GRANDE E KLEIMAN, 2007), pesquisa quantitativa (SEVERINO, 2007). Os instrumentos utilizados na geração de dados se pautaram na entrevista de grupo focal (LÜDKE e ANDRÉ, 2015) com oito alunos/a do 8ª ano de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-PR. A importância dessa análise se embasa na necessidade de se entender a composição imagética como parte importante na constituição discursiva do livro didático e as influências ideológicas desse processo na construção das identidades sociais de raça dos/as alunos/as. Os resultados indicam que o LD analisado estabelece um perfil que estigmatiza e inferioriza a identidade racial negra, associando-a majoritariamente à escravidão.

Palavras-chave: Livro didático. Representação negra. Imagens. Raça.

REPRESENTATION OF BLACKS IN THE DIDACTIC BOOK OF HISTORY

ABSTRACT: This study proposes the establishment of a discussion about the importance of reading the constitutive images of textbooks of history in the construction of social identities of race. The theoretical references that supported this research were: Camargo, Ferreira (2014); Oliveira (2004); Carvalho (2006). Thus, it aims to answer the research question: How are racial identities constructed through the images of the 8th-year history textbook from the "História.doc" collection of PNLD 2017 from a state school in the city of Ponta Grossa-Paraná? The objectives are to establish a profile of the black representation in the LD of history and to analyze the repercussion of these

¹ Mestre do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Sociedade Educativa e Cultural Amélia (2015), Licenciatura em História pela UEPG (2005). Professora da Secretaria Estadual de Educação do Paraná. E-mail: paolaoniesko@hotmail.com

²Pós-doutora e doutorado pela Universidade de Londres. Professora do Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade da UEPG, e professora do curso de Letras- Brasil. E-mail: aparecidajesusferreira@gmail.com

images in the students' speech. The methodology used was the image analysis (Joly, 2007; Jouve, 2002), qualitative interpretative and documentary research (Grande and Kleiman, 2007), quantitative research (Severino, 2007). The instruments used in the generation of data were based on the focus group interview (Lüdke and André, 2015) with eight students from the 8th grade of a state school in the city of Ponta Grossa-PR. The importance of this analysis is based on the need to understand the image composition as an important part in the discursive constitution of the didactic book and the ideological influences of this process in the construction of the racial identities of the students. The results indicate that the analyzed LD establishes a profile that stigmatizes and inferiorizes the black racial identity, associating it mainly to enslavement.

Keywords: Textbook. Black representation. Images. Race.

REPRÉSENTATION DES NOIRS DANS LE LIVRE DIDACTIQUE DE L'HISTOIRE

RÉSUMÉ: Cette étude propose la mise en place d'une discussion sur l'importance de la lecture des images constitutives des manuels d'histoire dans la construction des identités sociales de la race. Les références théoriques qui ont soutenu cette recherche étaient: Camargo, Ferreira (2014); Oliveira (2004); Carvalho (2006). Ainsi, elle vise à répondre à la question de recherche : Comment les identités raciales sont-elles construites à partir des images du manuel d'histoire de la 8ème année issues de la collection "História.doc" du PNLD 2017 d'une école publique de la ville de Ponta Grossa-Paraná? Les objectifs sont d'établir un profil de la représentation des noir-e-s dans le LD de l'histoire et d'analyser la répercussion de ces images dans le discours des étudiants. La méthodologie utilisée était l'analyse d'images (Joly, 2007, Jouve, 2002), la recherche qualitative, interprétative et documentaire (Grande et Kleiman, 2007), la recherche quantitative (Severino, 2007). Les instruments utilisés pour la génération des données étaient basés sur l'interview du groupe de discussion (Lüdke et André, 2015) avec huit élèves de la 8e année d'une école publique de la ville de Ponta Grossa-PR. L'importance de cette analyse est basée sur la nécessité de comprendre la composition de l'image comme une partie importante dans la constitution discursive du livre didactique et les influences idéologiques de ce processus dans la construction des identités raciales des étudiants. Les résultats indiquent que le LD analysé établit un profil qui stigmatise et infériorise l'identité raciale des noir-e-s, l'associant principalement à l'esclavage.

Mots-clés: Manuel didactique. Représentation des noir-e-s. Photos. Race.

REPRESENTACIÓN DE NEGROS / AS EN EL LIBRO DIDÁCTICO DE HISTORIA

RESUMEN: Este estudio propone el establecimiento de una discusión sobre la importancia de la lectura de las imágenes constituyentes de los libros didácticos de historia en la construcción de las identidades sociales de raza.

Los referenciales teóricos que dieron soporte para esta investigación fueron: Camargo, Ferreira (2014); Oliveira (2004); Carvalho (2006). Por lo tanto, tiene por objeto responder a la pregunta de investigación: ¿Cómo se construyen las identidades raciales a través de las imágenes del libro didáctico de historia del 8º año de la colección "Historia.doc", del PNLD 2017, de una escuela estatal de la ciudad de Ponta Grossa-Paraná? Los objetivos se centran en establecer un perfil de la representación negra en el LD de historia y analizar la repercusión de esas imágenes en el habla de los alumnos / as. La metodología utilizada fue el análisis de imágenes (Joly, 2007, Jouve, 2002), investigación cualitativa interpretativa y documental (Grande y Kleiman, 2007), investigación cuantitativa (Severino, 2007). Los instrumentos utilizados en la generación de datos se basaron en la entrevista de grupo focal (Lüdke y André, 2015) con ocho alumnos / a del 8º año de una escuela estatal de la ciudad de Ponta Grossa-PR. La importancia de este análisis se basa en la necesidad de entender la composición imagética como parte importante en la constitución discursiva del libro didáctico y las influencias ideológicas de ese proceso en la construcción de las identidades sociales de raza de los alumnos / as. Los resultados indican que el LD analizado establece un perfil que estigmatiza e inferioriza la identidad racial negra, asociándola mayoritariamente a la esclavización.

Palabras clave: Libro didáctico. Representación negra. Imágenes. Raza.

INTRODUÇÃO

O problema central desta pesquisa está em entender a importância da construção imagética do livro didático na construção das identidades raciais dos/as estudantes. A escolha do livro didático de história como objeto principal de análise se deu em função da sua capacidade de reprodução de valores e ideologias, e também pelo fato de este ser um dos principais instrumentos de trabalho dos/as professores/as e alunos/as no processo educativo. Na realidade das escolas públicas, ele se configura, muitas vezes, como única fonte de leitura (SILVA, 2005, p. 22). Por isso é agente produtor e veiculador de sentidos, significados, saberes, conceitos, normas e valores (CARVALHO, 2006, p. 11). O livro didático é um elemento constitutivo do processo educacional brasileiro (SOUZA, 1999, p. 28) e dessa forma, delega-se a ele importância fundamental no ensino. Sua autoridade estabelece paradigmas norteadores da transmissão do conhecimento no contexto escolar.

Vigorando desde 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639/2003 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para implementar a

obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio. No entanto para implementar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira é importante ler o Parecer das Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana que traz sugestões de implementação (Brasil, 2005). Apesar de vigorar desde 2003 a Lei Federal nº 10.639, ainda nos deparamos com a insistência na reprodução de discursos estereotipados dos negros nos livros didáticos (CARVALHO, 2006). Partindo desse pressuposto, acredita-se na necessidade de análise das coleções a fim de se entender a intencionalidade dos discursos presentes nos livros didáticos, tendo-se em vista que os discursos, muitas vezes racistas constantes nos livros didáticos são percebidos pelos estudantes e causam constrangimento, atuando como uma das formas de racismo institucional, e “podem ter parcela de participação nos resultados piores que o alunado negro auferi no ensino. Novas pesquisas sobre tal impacto nos estudantes podem ajudar a compreender melhor sobre as matizes do fenômeno” (SILVA, TEIXEIRA, PACÍFICO, 2014, p. 43).

Dessa forma, este artigo objetiva analisar a construção das identidades raciais através das imagens do livro didático de história do 8º ano da coleção “História.doc”, do PNLD 2017. Para tanto, a pergunta a ser respondida é: Como são construídas as identidades raciais através das imagens do livro didático de história de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-Paraná?

Esta pesquisa se desenvolveu em uma escola estadual, localizada num bairro periférico da cidade de Ponta Grossa – Paraná, com oito alunos/as do 8º ano do Ensino Fundamental – anos finais. A geração de dados da pesquisa se deu por meio da análise documental do livro didático de história do 8º ano da coleção “História.doc”, do PNLD 2017, pelos estudantes e pesquisadora, a fim de se construírem significados em conjunto; entrevista de grupo focal com os/as oito estudantes, e diário de campo.

O artigo se divide em três seções. Na primeira seção apresentamos uma reflexão teórica sobre a importância de se estudar o livro didático. A segunda seção apresenta a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa. E na terceira seção apresentamos a análise do LD de história.

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES RACIAIS

Sendo raça um conceito social e historicamente construído a partir de relações concretas entre grupos sociais em cada sociedade (GOMES, 1995, p. 49), acredita-se que, no ambiente escolar, o professor e o livro didático são os responsáveis pelo estabelecimento das relações de poder e interferem diretamente na construção das identidades sociais desses indivíduos.

Os adolescentes, imersos nos mais diversos contextos familiares, sociais, econômicos, estão em processo de formação identitária. Os seus conceitos de representação e pertencimento estão em fase de processamento. A sua vida social é constantemente influenciada pelos padrões impostos. No ambiente escolar, a ausência de representação do negro pode gerar a negação da identidade negra e trazer consequências irreversíveis para a sua formação adulta.

Estando as identidades em constante transformação, elas se formam a partir das interações dos indivíduos, ligados por interesses e carregadas de ideologias (MOITA LOPES, 2002). A ideologia veiculada na escola estabelece o branco como norma, já que muitos livros didáticos são um exemplo da divisão racial e do racismo velado na escola (CAMARGO, FERREIRA, 2014, p.165, ver também FERREIRA, 2014). As imagens estereotipadas dos negros nos livros didáticos, à medida que ferem a sua autoestima, podem marcar irreparavelmente a sua formação identitária (OLIVEIRA, 2004).

No plano do relacionamento aluno-aluno e professor-aluno, a escola reproduz uma relação de dominação-subordinação, e estimula a reprodução desse sistema desigual, a ponto de uma parcela grande de alunos negros se recusarem a ir à escola para evitar situações constrangedoras e humilhantes (PEREIRA, 1987, p.43). Com relação aos índices de evasão escolar dos alunos negros, Carvalho relaciona a baixa autoestima dos alunos negros à evasão escolar:

[...] fiz novas incursões bibliográficas que abordavam a exclusão dos negros na educação brasileira e o que me chamou atenção nessas

pesquisas foi a associação entre a baixa-estima dos alunos negros e a evasão escolar. Nesse caso, não me refiro ao acesso à escola, mas sim à permanência desses alunos no ambiente escolar. [...]. Sendo assim, entendo que: se, em diferentes regiões do Brasil, pesquisadores apontam a baixa-estima como uma das causas da evasão escolar dos alunos negros, então, não é exatamente um problema dos alunos, mas sim da escola (CARVALHO, 2006, p.08).

A falta de representação dos alunos negros, tanto na constituição imagética do prédio escolar quanto no material pedagógico denotam a ideologia dominante desse cenário (TRINDADE, 1994). Levando-se em consideração que os negros representam 53% da população, conforme dados atualizados do PNAD-2014 (FERREIRA, 2016, p. 144-145), a representação veiculada pelo livro didático está muito longe da realidade brasileira. Esse índice configura um cenário de racismo silenciado legitimado pelo livro didático (CAMARGO, FERREIRA, 2014, p. 169).

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos, e especificamente nos livros didáticos, pode promover a exclusão, a autorrejeição e a baixa autoestima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado (SILVA, 2005, p. 24). Como portador da legitimidade discursiva do ambiente educacional, o livro didático pode funcionar de diferentes maneiras:

O modo de funcionamento do LD como um discurso de verdade pode ser reconhecido em vários aspectos: no seu caráter homogeneizante, que é dado pelo efeito de uniformização provocado pelos alunos [...]; na repetição de uma estrutura comum a todas as unidades, com tipos de seções e de exercícios que se mantêm constantes por todo o livro, fator que contribui para o efeito de uniformização nas reações dos educandos; e na apresentação das formas e dos conteúdos como naturais, criando-se o efeito de um discurso cuja verdade “já está lá”, na sua concepção. O LD é concebido como um espaço fechado de sentidos, e é dessa forma que ele se impõe [...]. (GRIGOLETTO, 1999, p. 68, grifo do autor),

Dentro dessa perspectiva, o livro didático se impõe porque sua atribuição como disseminador de uma idealização social branca, e de discursos estereotipados diante da identidade racial negra (SILVA, 2005) se construiu historicamente e criou raízes profundas.

O papel da educação é desenvolver a consciência crítica dos alunos sobre o seu ambiente, e despertar sua capacidade de contribuição para a formação e reformulação de seu mundo social (FAIRCLOUGH, 1989, p. 239). Pesquisadores como Moita Lopes e Rojo (2004) reiteram a importância da realização de maior número de pesquisas que promovam uma análise de materiais didáticos. Estudos dessa natureza podem contribuir para reflexões sobre a necessidade de transformações na construção do material pedagógico.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo da Linguística Aplicada (LA). A LA dialoga com teorias que têm reconfigurado a produção do conhecimento em ciências sociais na tentativa de entender os novos tempos e abrir espaço para visões alternativas, e ouvir vozes que possam fortalecer nossa vida social ou vê-la compreendida por outros olhares (MOITA LOPES, 2006, p. 23). A sua configuração como área de investigação interdisciplinar e transdisciplinar, centrada na resolução de problemas do uso da linguagem dentro e fora da sala de aula (MOITA LOPES, 1991) possibilita a análise do livro didático como componente de uma esfera discursiva e, portanto, passível de investigação pelos caminhos da LA.

Estudar a construção da identidade racial negra no livro didático de história em um determinado contexto, e as reflexões acerca da visão dos/as alunos/as diante dessa construção, se encaixa no viés de interdisciplinaridade que caracteriza a LA contemporânea. Esta pesquisa dialoga com a Análise Crítica do Discurso (ACD), que fornece o devido suporte para a averiguação das estruturas específicas dos discursos e análise crítica da sua influência na construção das identidades sociais dos/as alunos/as. A ACD tem como objetivo opor-se à desigualdade social (VAN DIJK, 2010, p. 112). O controle exercido pela escola sobre os/as alunos/as, numa perspectiva de dominação discursiva, somada aos diversos elementos legitimadores de um discurso que pode ser segregacionista e excludente, pode contribuir para aumentar ainda mais essa desigualdade, quando deixa de cumprir seu papel social de igualdade.

A Metodologia utilizada para fundamentar este estudo foi a pesquisa qualitativa interpretativista e documental, tendo em vista que objetiva a compreensão do mundo social, constituído por significados, fazendo da realidade múltipla e complexa (DE GRANDE, 2007, p. 108). Os métodos qualitativos procuram contemplar as visões de todos os participantes, independente de poder ou privilégios (ANDRÉ, 1995, p. 21). A análise documental se justifica porque o objeto de estudo é o livro didático de história do 8º ano, integrante da coleção “História. doc”, de autoria de Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria, e Daniela Buono Calainho.

Foi utilizada também a pesquisa quantitativa, que se justifica pela necessidade de quantificação da composição imagética vinculada à representação negra no livro didático de história, de maneira que esse tipo de investigação complementou a análise qualitativa. Para Severino (2007, p. 118), é importante utilizar em conjunto os métodos quantitativo e qualitativo, um complementando o outro. Para o estabelecimento de uma análise sobre a questão identitária, a contagem dos personagens negros em comparação aos brancos pode explicitar, de maneira empírica, a desvantagem de representação.

A análise de imagens foi utilizada para nortear o estudo da composição imagética do LD de história. Joly (1994) oferece subsídios para o modo como a composição de uma imagem comunica e transmite mensagens, auxiliando na percepção do que as imagens podem despertar e produzir a partir do que já se tem interiorizado em nosso convívio social e histórico.

Os instrumentos utilizados na geração de dados foram: análise documental e entrevista de grupo focal. A análise do livro didático está alicerçada no estudo feito pelas pesquisadoras, em consonância com as considerações estabelecidas pelos/as oito estudantes integrantes desta pesquisa. A escolha por esse tipo de entrevista se deu pela necessidade de estímulo das discussões sobre a temática da pesquisa, já que, por serem adolescentes e estarem fora do seu grupo de afinidade, poderiam apresentar dificuldades de expressar seus posicionamentos. As falas estão organizadas por extratos, com a identificação, pertencimento racial, gênero, e classificação da entrevista. Foram mantidas as falas dos/as alunos/as na íntegra, mesmo

com “erros” de ortografia, para conservar a originalidade dos depoimentos. Tendo em vista que foram feitas entrevistas de grupo focal e os dados foram gerados a partir da fala dos/as alunos/as, as entrevistas foram conduzidas de maneira de deixar os/as estudantes se expressarem de maneira livre. A escrita das suas considerações foi mantida de acordo como é a forma como eles/as se expressam verbalmente.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

A importância dessa análise se embasa na necessidade de se entender a composição imagética como parte importante na constituição discursiva do livro didático e as influências ideológicas desse processo na construção das identidades sociais de raça dos/as alunos/as. As subseções foram divididas por temas, que foram elencados através do estudo do LD. A importância dessa análise se embasa na necessidade de se entender a composição imagética como parte importante na constituição discursiva do livro didático e as influências ideológicas desse processo na construção das identidades sociais de raça dos/as alunos/as.

“De cara a gente já vê que tem mais branco do que negro”: diferenças entre brancos/as e negros/as no LD

As imagens são produzidas dentro de um contexto sócio histórico e cultural, e este estudo almeja entender como essas construções discursivas podem ser recebidas pelos/as alunos/as. Para Jouve (2002, p.18), o sentido que se tira da leitura vai afetar o contexto cultural onde cada leitor evolui: “Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse quer os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22). Considerando isso, esta análise se pauta nas considerações da pesquisadora e

estudantes integrantes da pesquisa. Para tanto, foi realizada uma contagem geral das pessoas representadas no livro³.

O quadro abaixo mostra a contagem dos/as personagens negros/as e brancos/as e suas respectivas diferenças de representação na composição de imagens:

QUADRO 1 - Contagem dos/as personagens brancos/as e negros/as nas imagens do LD.

Profissões	Pessoas representadas: negros/os	Pessoas representadas: brancos/os	Quantidade de imagens	Total % Pessoas negras	Total % Pessoas brancas
	223	931		19,3%	80,6%
Escravidados/as	185	0	20	100%	0%
Nobres	4	147	82	2,6%	97,3%

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Com base nestas informações, pode-se observar que a maioria das imagens de pessoas negras está associada à escravidão, especificamente 20 imagens, com total de 185 pessoas negras escravizadas. Já entre as pessoas brancas, a maioria está associada à nobreza, sendo contabilizadas 82 imagens em que os/as brancos aparecem como nobres. De acordo com esses dados, pode-se afirmar que os/as brancos/as correspondem à identidade racial prestigiada no LD do 8º ano da coleção “História.doc”, pois o número de pessoas brancas representadas (80,6%) é muito superior ao de pessoas negras (19,3%). Tendo em vista o fato de a população brasileira ser constituída por 53% de pessoas negras⁴, pode-se argumentar que essa quantidade de imagens de pessoas negras representadas nesse LD está muito longe da representatividade ideal. O justo seria se houvesse ao menos paridade entre as imagens de pessoas negras e brancas, de maneira que os/as alunos/as negros/as pudessem se ver representados nesses materiais de maneira significativa. Sendo assim, essa composição imagética reflete uma visão

³ Tal contagem foi realizada a partir da tabela presente no anexo E, em entrevista de grupo focal, com todos/as os alunos/as juntos, no dia 05 de junho de 2017, mediados pela pesquisadora. Trago o total de imagens pessoas negras e brancas desempenhando atividades.

⁴ Conforme dados atualizados do PNAD-2014 (FERREIRA, 2016, p. 144-145).

preconceituosa, marcada pela ideologia do branqueamento. Dessa forma, “através de práticas que justificam e consolidam a vantagem estrutural, o branco assume a postura de ser humano ideal e cria condições para que o status seja mantido” (MOREIRA, 2014, p.78). Portanto, o desenvolvimento do olhar crítico diante dessas construções discursivas que estabelecem o branco como norma se faz necessário para que esse cenário mude, tanto na perspectiva de chamar a atenção das editoras para a necessidade de reformulação dos livros didáticos, quanto para positivar a identidade racial negra, e assim possibilitar uma maior identificação com os/as alunos/as negros/as.

O preconceito manifestado na prática pedagógica pode ter como consequência uma autorrejeição e rejeição ao seu grupo social, comprometendo a construção das identidades (SILVA, 2005). Uma vez que o destinatário tenha o olhar treinado para decifrar a linguagem simbólica constituinte das imagens, ele sai da esfera passiva da recepção, passando a questionar essas construções discursivas. Se o/a aluno/a for capaz de ler os códigos que dão sentido aos discursos e conseguir perceber os elementos simbólicos que estigmatizam a identidade negra, o processo de perpetuação da imagem negativa associada ao negro pode ser interrompido. A interpretação que se faz de textos e os sentidos que lhes são atribuídos resultam da formação do leitor, de maneira que o conhecimento acumulado, a postura diante do mundo, a história de vida influencia nessa construção dos sentidos (SÁ, REMAER, 2010). É preciso perceber os elementos de composição das imagens, que se tornam meios de veiculação de mensagens:

Entender, então, um pouco dessa composição proporciona uma noção de interpretação, mesmo que primária neste trabalho, pois há necessidade de aprofundamento desse conhecimento, de como uma obra é pensada e arranjada e como transmite suas mensagens e sentidos a partir da manipulação dos elementos visuais, sem o uso de palavras, mas simplesmente de símbolos que chegam ao cérebro por meio dos olhos do observador (SOUZA, 2014, p. 137).

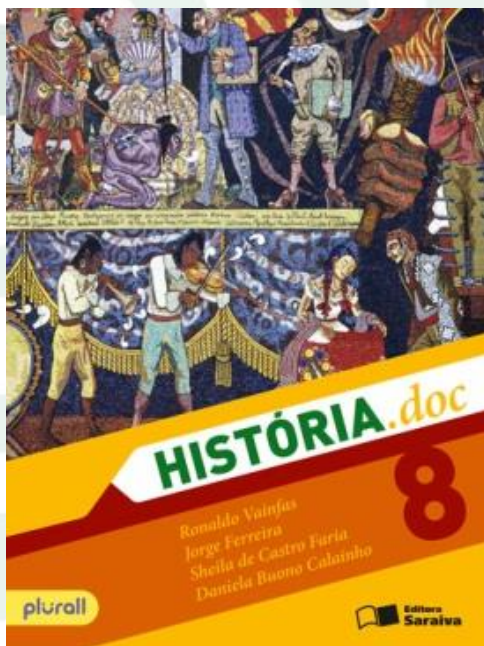
Dentro dessa concepção, para Souza (2014, p. 137), as imagens históricas utilizadas nos livros didáticos comunicam as concepções ideológicas através de sua composição, do uso de elementos que transmitem mensagens

por meio de simbolismos que ocasionam interpretações diversas e influenciam as consciências.

Extrato 1	<i>tudo que tem de riqueza no livro remete ao branco, nunca ao negro. Quando aparece os negros, eles são descalços, trabalhando. Isso quando aparece. (E/branca/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 2	<i>e os negros, sempre escravizados. O branco aparece se divertindo na praia...na nossa contagem foi bem mais brancos, porque negros só aparece eles trabalhando. (M/branca/ análise do LD/05-06-2017).</i>

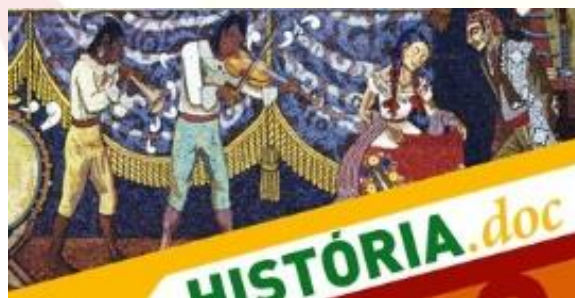
A ideologia representada nos extratos 1 e 2 manifesta expressões de racismo, de discriminações, de preconceitos e estereótipos que atingem de forma direta os grupos negros e promovem a exclusão. De acordo com Silva (2003, p. 17), os estereótipos “rotulam negativamente o sujeito, ou o grupo, produzindo o preconceito: a intolerância a diferente”. Os estereótipos generalizam todas as pessoas pertencentes ao mesmo grupo, e no caso da identidade racial negra, podem ocasionar a sua negação. Os extratos 1 e 2 parecem demonstrar que os/as estudantes percebem e se incomodam com a maneira como a identidade negra é representada no livro didático. Através da dinâmica com que o conteúdo imagético alcança os olhos e as consciências dos/as alunos/as, ainda não atentos/as à análise crítica, esses conceitos podem ser apreendidos e reproduzidos. Nesse sentido, se faz de extrema importância a análise crítica das imagens dos livros didáticos, já que os adolescentes, imersos nos mais diversos contextos familiares, sociais, econômicos, estão em processo de formação identitária. Os seus conceitos de representação e pertencimento estão em fase de processamento. A sua vida social é constantemente influenciada pelos padrões impostos. No material escolar, a ausência de representação da identidade negra de maneira positiva pode gerar a negação dessa identidade e trazer consequências irreversíveis para a sua formação adulta. Vejamos, a partir de algumas imagens, a situação do/a negro/a:

FIGURA 1- Capa



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, capa.

FIGURA 1.1 – Capa



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, capa.

No tocante à representação negra, a figura 1 mostra duas pessoas negras, descalças, tocando instrumentos musicais para um casal, de maneira a associar diretamente o negro à situação de subserviência ao branco. Aqui a vestimenta também se caracteriza em elemento de diferenciação. Os negros estão descalços, e com roupa muito mais simples se comparada às dos brancos/as da mesma imagem. Pesquisas com Machado; Reis; Lopes (2004), Silva (2002) já denunciavam o livro didático como veiculador de imagens hegemônicas, na medida em que “constrói e transmite valores culturais, sociais, signos, imagens, estereótipos, estigmas, generalizações e preconceitos em relação a vários temas, em especial, ao segmento negro” (CARVALHO, 2016, p. 81). Sendo assim, o indicativo é o de que o livro didático contribui para a exclusão social dos negros. A distorção, folclorização e a estigmatização em torno da identidade negra, veiculados pelo discurso dos livros didáticos, “além de criar nos alunos negros situações de constrangimento, colabora também para criar-lhes sentimentos de não pertencimento à sociedade brasileira”. Portanto, a capa do livro analisado nesta

pesquisa já carrega um discurso que reproduz o estereótipo do negro-escravizado, submisso ao branco:

Extrato 3	<i>tem um negro na capa do livro, que aparece ele tocando violino. Tocando para as outras pessoas. Ele fala: não tô bem vestido que nem os outros. Escravos, sempre serviam (Y/negra/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 4	<i>ele ainda tá descalço (M/branca/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 5	<i>de cara a gente já vê que tem mais branco do que negro. Eles se divertindo, e os negros lá trabalhando (E/negro/ análise do LD/05-06-2017).</i>

A situação de depreciação em relação ao branco foi denunciada pelos/as alunos/as, conforme mostram os extratos 3, 4 e 5. A fala dos/as estudantes demonstra o quanto o desprestígio associado à identidade dos negros da imagem é percebido por eles. Argumentos apresentados por outros trabalhos também denunciam a reprodução do racismo, discriminação e estereotipia veiculada pelos livros didáticos:

Há uma insistência em reproduzir nos livros didáticos de História velhos estereótipos em torno da população negra e isso só contribui para a baixa auto-estima dos alunos negros, uma vez que as referências em relação aos seus iguais são carregadas de imagens negativas, depreciativas, permeadas de situações humilhantes. Além disso, essas questões se distanciam das finalidades do ensino de História no que diz respeito à formação de cidadãos partícipes, ao respeito às diferenças e à motivação para uma cultura de paz. (CARVALHO, 2006, p. 128).

De acordo com Hall (1997, p. 258), os estereótipos reduzem uma pessoa a algumas características, asexageram, simplificam e as fixam: “a estereotipação reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença” (HALL, 1997, p. 258). A invisibilidade dos valores históricos e culturais de um povo, e a sua inferiorização através de estereótipos, conduz, na maioria das vezes, a comportamentos de autorrejeição, tendo como consequência a negação dos seus valores culturais (SILVA, 2005, p. 22). A sub-representação, estigmatização e estereotipia ainda prevalecem nos discursos imagéticos, e, conforme os extratos acima reportados, são sentidos pelos/as alunos/as.

FIGURA 2 – distribuição de alimentos para as vítimas do terremoto que aconteceu no Haiti em janeiro de 2010.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 175.

A figura 2 faz parte do capítulo: Movimentos de independência americanos. Ela propõe um exemplo de sub-representação da identidade racial negra. A legenda explica que elas estão aguardando a distribuição de alimentos, depois do terremoto que aconteceu no Haiti em janeiro de 2010. Os potes nas mãos das crianças já demonstram que estavam com fome, esperando para receber comida. Então, independentemente da legenda, é notável que na imagem essas crianças estejam associadas ao estigma da pobreza. Essa é a única imagem do livro que apresenta crianças negras não vinculadas à escravidão. Porém, estão em situação de desprestígio social e marginalidade. O problema reside no fato de não haver, nesse livro didático, fotos ou imagens de crianças brancas em situação semelhante. Esse fato parece corroborar para a consolidação de um discurso que estabelece o branco como representante de classes sociais privilegiadas, e do negro ao desprestígio. Sobre a recepção dos/as alunos/as diante desse tipo de imagem:

Extrato 6	<i>Queria ver eles comendo comida boa, não gororoba. Eles tinham que aparecer com garfo, e não comendo com a mão, assim. A mão era garfo, era prato. Eles comiam assim porque não tinha prato. Eles tinham que comer daquele jeito mesmo. E os brancos tinham prato, garfo, faca, tudo, do bom e do melhor. Aqueles paninhos... (E/negro/ entrevista com alunos negros e brancos depois da análise do LD/19-06-2017).</i>
-----------	---

Não se vê talheres nas mãos das crianças. Apesar de ser uma imagem atual, que data do ano de 2010, não foge ao estereótipo da pobreza. A fala do extrato 6 reforça que os/as estudantes, principalmente os/as negros/as têm a percepção da associação da identidade negra a situações de sub-representação. Essa percepção, por parte dos estudantes negros, da vinculação da identidade negra a um passado de depreciação, subordinação e humilhação, pode configurar-se como parte do processo de exclusão do/a aluno/a negro do ambiente escolar. A marginalização dos negros não é vista como um processo histórico. Para Jovino (2014, p. 135). “ver uma criança negra representada fora dos estereótipos clássicos (...) é uma positividade(...) de valor simbólico que merece consideração”. Quando se encontra uma fotografia como a dessas crianças haitianas vinculada às situações de depreciação, o discurso que associa o/a negro/a a pobreza gera, entre os/as estudantes negros/as o processo de negação dessa identidade. Sobre os estigmas que rondam os/as negros/as:

Nós negros, somos considerados malandros, preguiçosos, com pouca inteligência, pobres e infelizes...Essa negatividade contra nós, negros, foi e ainda esta sendo transposta para os livros didáticos, justamente por ser o pensamento da sociedade dominante (PINTO, 1981, p. 93)

Nenhuma pessoa quer se ver representada como pobre, preguiçosa, escravizada. A ausência de referenciais positivos associados à identidade negra nos livros didáticos pode causar consequências bastante negativas aos estudantes em geral. Carvalho (2006, p. 82) afirma que danos que abalam a autoestima desses alunos podem construir sentimento de inferioridade, e levá-los ao fracasso escolar e abandono.

FIGURA 3 - Cirurgião negro colocando ventosas, aquarela Jean Baptista Debret, 1826.

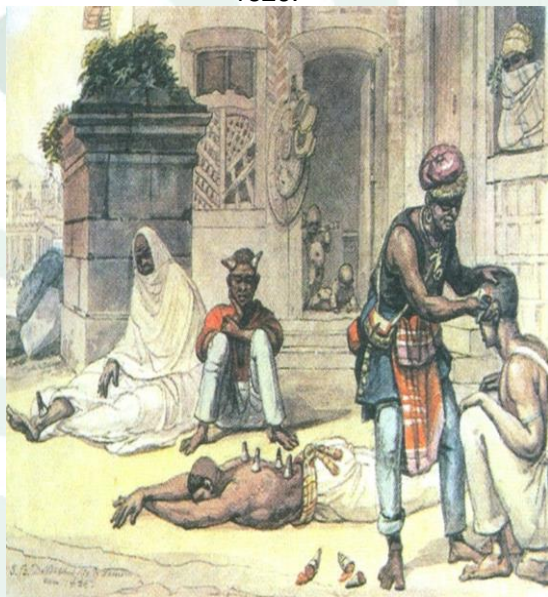


FIGURA 4 - Gravura do séc. XIX representando uma sangria. Gravura James Gilray, 1804.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 297.

As figuras 3 e 4 estão na mesma página, posicionadas uma ao lado da outra, e ilustram o subtema: “sangria, técnica milenar de cura”, integrante do capítulo: 18: “Ciências e costumes na sociedade burguesa”. Apesar de corresponderem à mesma temática, os negros aparentemente foram acometidos com mais ferocidade pela doença tratada. A imagem possibilita esse entendimento. Os negros aparecem em situação de inferiorização em relação à imagem do branco contaminado.

Extrato 7	<i>é verdade. Até no peste negra que nós já estudamos... era os escravos...era gente negra com aquelas bolha. Branco nunca vi. Eu vi mais gente negra com aquelas bolhas. Daí chega lá, aparece lá, quero ver, a pessoa rica... é branca! Não pegou a peste negra, é branca, quem não pegou. Aí apareceu a máscara lá, daí o homem tirou a máscara. Eu vi num vídeo, era um branco que não tinha pegado, e o negro lá..., na cama lá, com a bolhonas nos pés, na bunda, embaixo da axilas (risos). (E/negro/entrevista com alunos negros e brancos antes da análise do LD/01-06-201)</i>
-----------	--

O extrato 7 trata da fala do aluno E, negro, antes da análise do LD. A mistura de algumas observações, como o vídeo que ele cita, é fruto da sua

experiência de vida. Selecionei este extrato devido à importância da manifestação de percepção do aluno quanto às diferenças de representação diante de um mesmo fato. Nesse caso, a cor da pele das pessoas pessoa foi determinante para seu destino. Apesar de parecer ingênua a construção simbólica das imagens, existe a associação do negro à inferiorização em relação ao branco

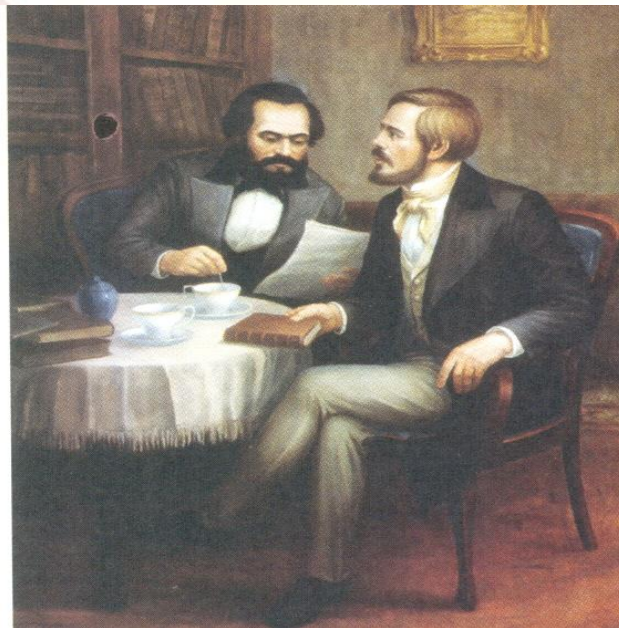
Um dos grandes problemas da composição imagética dos livros didáticos é que muitas vezes as imagens são escolhidas de maneira impensada, apenas para ilustrar as narrativas verbais. Apesar de haver uma legenda explicando sua origem, não há uma contextualização histórica a respeito da sua elaboração. A figura 3 é de autoria de Jean-Baptiste Debret, que foi pintor oficial do Império, e suas obras no Brasil tinham por intenção retratar o cotidiano, de maneira a captar os sentimentos e emoções do momento histórico. Seus trabalhos são de grande valor histórico no que se refere ao registro dessa época e seu contexto. Assim, para a utilização de um pintor tão vinculado à história política daquele momento, como foi Debret, não se pode ignorar o contexto social e político em que suas obras foram construídas (SOUZA, 2014). Para Manuel (2001, p. 90): “aquilo que lemos em um quadro varia conforme a pessoa que somos e conforme aquilo que aprendemos”. O problema é que os livros didáticos não trazem esse resgate histórico da obra. Os estudantes apenas observam as composições e tiram suas próprias conclusões. Sendo assim, o sentimento manifestado pelo aluno é favorável a repulsa, vergonha, caracterizando a não identificação com essa identidade.

FIGURA 5 - Escravos cesteiros, Victor Frond, 1859.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 200.

FIGURA 6 – Karl Marx e Friederich Engels. Pintura de Hans Mocznay.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 200.

A escolha das figuras 5 e 6 também teve a intenção de mostrar as diferenças de representação entre brancos e negros. Nas duas imagens são mostrados dois homens conversando. Os negros, mal vestidos, sentados no chão, estigmatizados pela lógica do trabalho e escravização. Os brancos, bem vestidos, associados à intelectualidade. As imagens constituem narrativas de conteúdos diversos. A figura 5 integra o capítulo 12: “Rebeliões no Brasil colonial”, enquanto a figura 6 faz parte da narrativa do capítulo 9: “Lutas dos trabalhadores”. Aqui há uma construção simbólica que vincula os negros ao desprestígio social, e os brancos a situações de privilégio. Sendo assim: “o cenário escolar tem se configurado com maior força como um espaço de manutenção do privilégio da brancura” (JESUS, 2014, p. 88). Dentro dessa perspectiva, se fazem necessárias ações expressem as desigualdades e os privilégios de ser branco, em ações de apoio à igualdade (PIZA, 2005, p.6). Uma vez que os alunos/as percebam e desconstruam essas visões estereotipadas da identidade negra, o processo de associação da imagem do negro às situações de humilhação e desprestígio social pode ser interrompido.

FIGURA 7 - À esquerda, Filipe Camarão; à direita Henrique Dias. Os dois retratos, pintados sobre madeira, foram feitos por artista desconhecido e não têm data.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 69.

A figura 7 mostra dois personagens que exerceram posições de liderança na Revolução Pernambucana. Apesar de os dois homens estarem vestidos da mesma maneira, a imagem do rosto do negro quase se mistura ao fundo preto da imagem. Esse fato indica a não preocupação das editoras quanto a possíveis piadinhas, por parte dos /as alunos/as, que podem surgir em decorrência de o personagem negro se misturar ao fundo preto da pintura. Neste caso, a cor negra está associada a elementos negativos. Para Manguel, pensamos e agimos a partir de um referencial que nos é apresentado e com o qual nos identificamos. O autor (2001, p.219) cita a visão de Lacan como elemento para tratar da imagem como identidade: “a nossa identidade deriva das imagens de espelhos que existem fora de nós mesmos: essa ‘identidade alienante’ é o modo como aprendemos a nos ver”. Ver uma cor de pessoa confundida com o fundo da parede não positiva a identidade negra. Nesse caso, o estereótipo da identidade negra associado a elementos negativos se torna explícito.

FIGURA 8 - Mercado de escravos. Pintura de Zacharias Wagener, séc. XVII.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 68.

A figura 8 me chamou atenção pelo fato de os agrupamentos de negros não terem formas humanas. Estão dispostas de maneira disforme, como uma massa de mercadorias pretas. Esse tipo de imagem coisifica os/as negros/as, acarretando, diretamente, a repulsão dessa identidade racial por parte dos alunos/as negros/as. Portanto, os estereótipos negativos associados à identidade negra causam diretamente sensação de mal-estar nesses alunos, que se veem em constante luta contra as piadas e associações a elementos negativos atrelados ao seu pertencimento racial. A consequência disso é a negação dessa identidade, ou amenização dos termos que a denominam, como “moreno, pardo”:

ser reconhecido ou reconhecer alguém como negro soa, muitas vezes, como coisa negativa ou insulto, por ser associado à condição inferior. Ao passo que terminologias consideradas mais amenas, como moreno, pardo, bronzeado ou algo semelhante conferem, no imaginário social, uma posição mais aceitável para o sujeito (SOUZA, 2005, p. 109).

Assumir a identidade racial negra é lutar contra a sua estigmatização já consolidada na maioria dos materiais didáticos. Artigo de Paulo Baptista da Silva, Rozana Teixeira e Tania Mara Pacífico (2014, p. 32), aponta uma síntese de resultados das diversas pesquisas sobre relações raciais em livros didáticos de Língua Portuguesa (BARROS, 2001; SILVA, 2005; TEIXEIRA, 2006;

WATTHIER, 2008; FREITS, 2009; ORLANDO et. al, 2009; LIMA, 2010; COSTA, 2004; SILVA, 2010; JUNIA, 2010; PACIFICO, 2011) em que as pesquisas são unânimes em demonstrar formas de hierarquização racial e de desvalorização do negro presentes nos discursos. Outros trabalhos envolvendo a temática racial, como Machado; Reis; Lopes, (2004), Tonini, (2001), Silva, (2002), denunciam o livro didático como instrumento veiculador de imagens hegemônicas, à medida que constrói e transmite valores culturais, sociais, estereótipos, estigmas, generalizações e preconceitos, especialmente em relação ao segmento negro.

“Os negros sempre escravizados”: a associação da identidade racial negra à escravização

Aspecto reiterado pelos pesquisadores que estudam o livro didático diz respeito ao enfoque dado para a perspectiva do trabalho como narrativa predominante das imagens, reduzindo a importância histórica dos africanos, à medida que os exclui do contexto social e cultural: “o negro sempre aparece exposto em situações de submissão e de passividade frente à escravidão” (FILHO, 2005, p. 127). Souza compartilha do mesmo entendimento: “parece não haver nas obras analisadas uma preocupação (direta) em apresentar outra história desses indivíduos, a não ser aquela atrelada à escravidão” (CARVALHO, 2006, p. 127). A construção do estereótipo do/a negro/a vinculado/a a escravização atribui o sentido de não identificação com essa identidade pelos/as alunos/as negros/as.

FIGURA 9 - Encontro entre africanos e militares ingleses na Jamaica.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 23

A Figura 9 é uma pintura de Agostino Brunias, do séc. XVIII, e faz parte do capítulo I do LD: “Pirataria e colonização nas Américas”. De um lado, negros escravizados, do outro brancos nobres. A composição do vestuário, o sentimento de tristeza manifestado denota uma carga negativa associada às pessoas negras, e essas são características repetidas ao longo da composição imagética do LD estudado, de maneira naturalizada:

O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidos como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos realmente livres “para ser o que for e ser tudo” - livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males (CAVALLEIRO, 2005, p. 12).

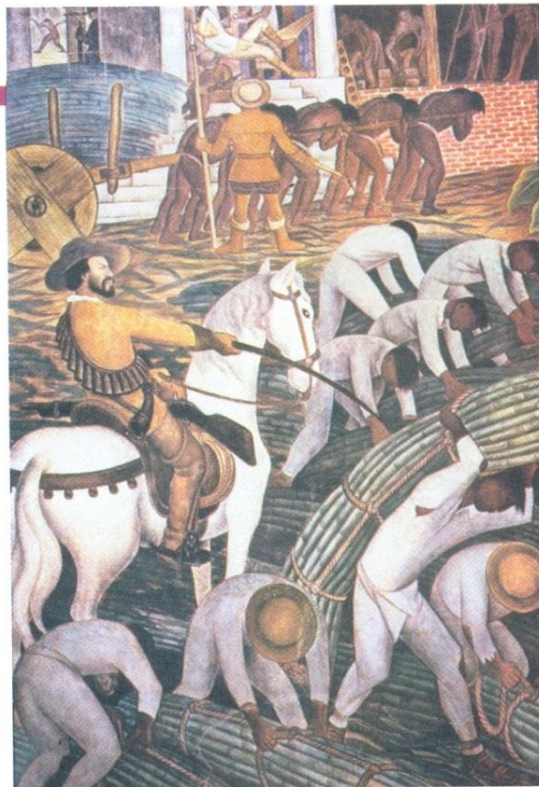
Uma vez que os alunos/as se apropriem desse discurso de inferiorização da população negra, discurso esse posto e legitimado pelo LD, a reversão do estigma da identidade negra pode ser muito mais complexa. A utilização do material pedagógico de maneira crítica pode romper com esse paradigma.

Extrato 8	<i>sempre os brancos saem da nobreza para pisar nos negros. Parece que no livro didático... parece que a maior função do branco é pisar nos negros. (E/branca/entrevista com alunos negros e brancos antes da análise do LD/29-05-2017).</i>
Extrato 9	<i>tudo que tem de riqueza no livro remete ao branco, nunca ao negro. Quando aparece os negros, eles tão descalços, trabalhando. (E/branca/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 10	<i>e os negros sempre escravizados. (M/branca/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 11	<i>por causa que negros sendo escravizados e brancos se divertindo e sempre com roupas bonitas, todas aquelas “luxarias”. É... com calção, sem camiseta. Descalço. Aparece muito pouco naquele livro, mas o que aparece é de calção, descalço, no barro. (E/negro/ entrevista com alunos negros depois da análise do LD/19-06-2017).</i>

Percebe-se, pelos extratos 8, 9, 10 e 11, que os/as alunos/as percebem e se incomodam com a recorrência com que a associação do branco a nobreza versus negro à escravização é apresentada pelo LD. O uso da palavra “sempre” no extrato 10 denota o incômodo causado pela repetição dessa associação. Rosenberg (2003, p. 136), afirma que ainda são muitas as ilustrações que apresentam “[...] o negro escravo, vinculando-o à passagem daquela condição à de marginal contemporâneo, pouco trabalhando a diversidade de sua condição”.

A figura 9 é uma pintura, e foi produzida no séc. XVIII. Para o contexto histórico da época, ela oferecia interpretação diferente do tempo histórico atual. De acordo com Joly (2007), denomina-se signo apenas quando este exprime ideias e suscita no receptor uma atitude interpretativa. Todo signo, enquanto processo semiótico, depende tanto do contexto da sua aparição como da expectativa do seu receptor. A imagem do negro escravizado transformou-se, ao longo dos anos, em signo da identidade negra, e de acordo com as falas dos integrantes desta pesquisa, é uma associação negativa.

FIGURA 10 - Detalhe de mural de Diego Rivera, 1930-1931.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 175.

Extrato 12	<i>Os negros são escravizados. Brancos como nobres, vendo os negros sendo escravizados e dando chicotadas neles. (E/negro/ entrevista com alunos negros depois da análise doLD/19-06-2017)</i>
------------	--

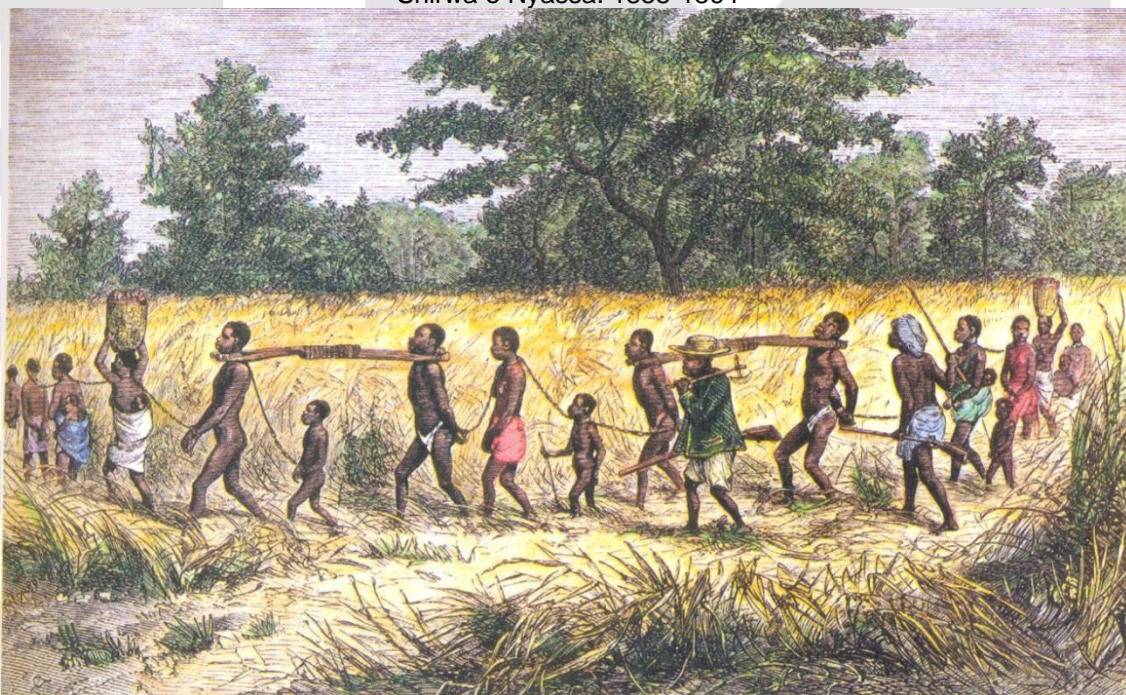
A figura 10 corrobora com a interpretação dos alunos/as no extrato 12 a respeito da construção do signo da escravização. De acordo com os conceitos trabalhados por Joly (2007), algumas imagens relacionadas ao negro remetem repetidamente a castigos físicos, como algumas obras de Debret e Rugendas, que insistentemente aparecem na composição imagética dos livros didáticos de história, e neste inclusive, e caracterizam-se como ícones que ajudam a negar a identidade negra:

A sombra que persiste está nos estereótipos criados em torno do negro, através do chicote, do tronco, da gargalheira, do castigo, da cachaça, da preguiça, da lascividade, da humilhação! Os estereótipos são pontes para o preconceito e discriminação e são também pontes para a baixa estima e evasão escolar das crianças negras que

sentem na pele, na mente e no coração a dor da ausência de uma referência positiva de seus antepassados. Enfim, é preciso transcender a imagem do tronco e do castigo! É urgente parar de reafirmar a humilhação dos negros e seus descendentes e para isso os livros didáticos de História também têm o papel de promover uma mudança em direção a um novo olhar sobre a história dos negros africanos e seus descendentes. Sem dúvida, seria uma das mais valorosas maneiras para formar uma cultura de paz, minimizando estereótipos, preconceitos e discriminação ainda bastante presente em nosso cotidiano. E uma das formas propícias para auxiliar a inverter essa visão estereotipada é exatamente a visibilidade das diferenças das práticas culturais (CARVALHO, 2006, p. 99).

No contexto da recepção dos discursos, existe uma associação à condição de escravizado (como mencionado no extrato 12) que precisa e deve ser superada. Sobre essa perspectiva, Branco (2005) afirma que a menção ao negro remete, quase automaticamente, à imagem de escravo, de maneira que os vocábulos negro e escravizado assumiram funções sinônimas.

FIGURA 11- Ilustração presente no livro dos irmãos escoceses David e Charles Livingstone. Narrativa de uma expedição ao Zambeze e seus afluentes e do descobrimento dos lagos Shirwa e Nyassa. 1858-1864



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 35.

O LD analisado apresenta muitas imagens de pessoas negras escravizadas. A minha escolha preconizou algumas das imagens

especificamente citadas pelos alunos/as durante a entrevista. A invisibilidade dos valores históricos e culturais de um povo, e a sua inferiorização através de estereótipos, conduz, na maioria das vezes, a comportamentos de autorrejeição, tendo como consequência a negação dos seus valores culturais (SILVA, 2005, p. 22). A figura 11 apresenta negros/as adultos/as e crianças em situações de castigo e humilhação. Essa figura integra o subtema: “O Congo e o comércio de escravos”.

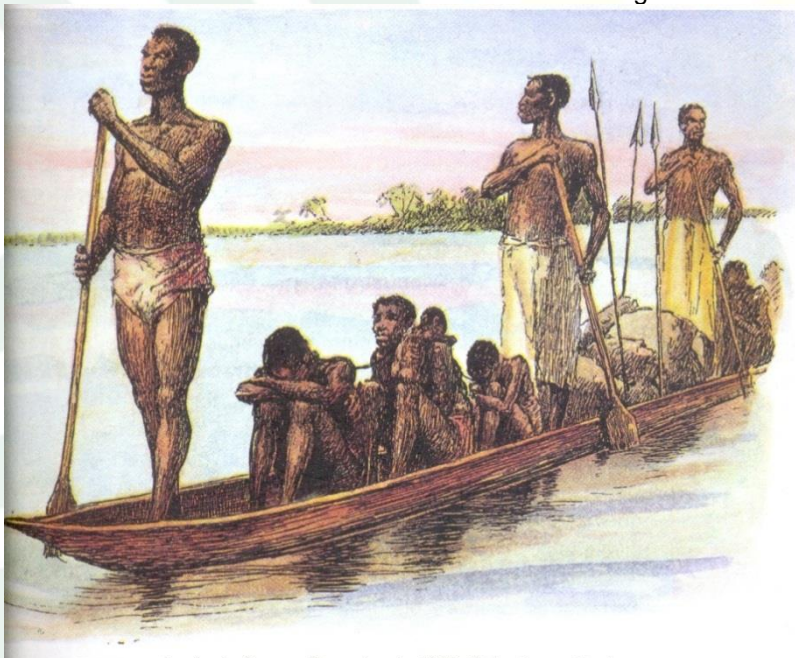
Extrato 13	<i>tem uma foto que eles tão cheio de cordas, as criancinha tudo cheia de corda, tudo amarrados, sendo escravizados. Branco eu não achei escravizado (E/negro/ análise do LD/05-06-2017).</i>
Extrato 14	<i>por que tem bastante pessoa negra sozinha, ou se eles tão em grupo, são sempre escravizados (Y/negra/ análise do LD/05-06-2017).</i>

O extrato 13 trata da figura 11. Importante salientar que o aluno E descreve as situações de castigos e humilhações que observa atreladas às imagens dos/as negros/as e questiona o fato de não haver brancos escravizados. O extrato 14 também indaga sobre a situação de as imagens de pessoas negras sempre estarem atreladas à escravização. Sobre o estereótipo do negro-escravizado:

não é o sangue, não é o banzo, muito menos a dor que encobre o sorriso, o canto, a dança, a fé, a crença, a solidariedade e a esperança dos escravos negros e seus descendentes. A sombra que persiste está nos estereótipos criados em torno do negro, através do chicote, do tronco, da gargalheira, do castigo, da cachaça, da preguiça, da laceridade, da humilhação! (CARVALHO, 2006, p. 99).

Por tais razões é que existe a necessidade de um olhar crítico para a composição desses discursos, tendo em vista que os estereótipos “são pontes para o preconceito e discriminação” e são também a baixa estima e evasão escolar das crianças negras, que sentem a dor da ausência de uma referência positiva de seus antepassados (CARVALHO, 2006, p. 99).

FIGURA 12 - Canoa com escravos na bacia do Congo. Desenho de 1890.



Fonte: VAINFAS; FERREIRA; FARIA, CALAINHO. *História.doc*. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 43.

A tristeza e medo manifestados pelos personagens escravizados (figura 12) podem associar a identidade negra apenas a aspectos negativos, que não causam identificação positiva com os/as alunos/as negros/as. A falta de referenciais positivos voltados aos negros nos livros didáticos pode causar consequências bastante negativas aos estudantes em geral:

aos alunos negros, danos que abalam sua auto-estima, a exemplo da inculcação do sentimento de inferioridade, o que pode levá-los ao insucesso escolar ao ponto de abandonar a escola; aos alunos brancos, a não possibilidade de re(criar) outras imagens, referenciais e valores que propicie o devido re(conhecimento) e respeito aos negros. O resultado disso é o dano da reprodução e perpetuação das desigualdades sociais entre os diferentes grupos populacionais. Numa reflexão mais abrangente, todos nós corremos os riscos de sermos prejudicados, uma vez que estaremos fadados a viver numa sociedade desigual, injusta e violenta, onde seremos incapazes de (re)conhecer e respeitar a nós mesmos e aos outros. (CARVALHO, 2006, p.82)

Os estereótipos podem “influenciar negativamente a autopercepção das pessoas” (SILVA, 1995, p. 43). A autora apresenta os estereótipos como responsáveis pelo fracasso escolar dos/as estudantes negros/as: “A presença dos estereótipos no livro didático pode ocasionar a rejeição inconsciente a um saber que humilha” (SILVA, 2003, p. 17). As características fenotípicas
Journal of African and Afro-Brazilian Studies, v. 1, n. 1, 2022

demarcam as fronteiras da circulação e os posicionamentos sociais, tornando os materiais didáticos um espelho para os/as alunos/as, possibilitando que eles se reconheçam nos materiais. Sendo assim, o LD pode contribuir, tanto para a afirmação da sua identidade, quanto para a “fragilização” e o seu “esfacelamento identitário” (CAMARGO, 2012, p. 131). Portanto, na medida em que os/as estudantes negros/as internalizem essa representação estereotipada que subalterniza a identidade negra, pode haver a construção da negação do seu pertencimento racial.

Artigo publicado por Silva, Teixeira e Pacífico (2013), que listou uma série de trabalhos já desenvolvidos e suas principais constatações, analisou uma coleta de dados feita com estudantes de 5ª a 7ª série do Ensino Fundamental, numa escola pública estadual localizada no município de Pontal do Paraná. Solicitou-se aos alunos que produzissem individualmente um desenho que respondesse à pergunta: “Qual imagem do negro no livro didático ficou mais presente em sua memória?” Dos quinze desenhos, doze apresentaram imagens que aludiam à escravização. Onze dessas imagens retratavam um personagem negro castigado em um tronco, e uma delas ilustrava um negro preso em correntes. Em nenhum momento as imagens dos alunos apresentaram o negro como componente da atual sociedade brasileira. Essa pesquisa corrobora com o entendimento de que os discursos racistas enraizados nos livros didáticos são percebidos pelos estudantes, e assinalam uma das formas de racismo institucional presentes nas escolas (SILVA, TEIXEIRA, PACÍFICO, 2013, p.140).

A percepção, por parte dos estudantes, do apagamento da identidade negra enquanto integrante da constituição social brasileira contemporânea, e sua vinculação com um passado de depreciação, subordinação e humilhação, pode configurar-se como parte do processo de exclusão do aluno negro do ambiente escolar:

As ilustrações que compõem os livros didáticos podem, então, reforçar o que já habita em suas consciências diante das vicissitudes e adversidades de suas existências experenciais diurnamente, e ainda influenciar na maneira como muitos alunos passam a entender a sociedade e o outro, bem como a forma como valorizam o outro, e, no que se refere às crianças negras, a forma como reconhecem, ou não, a si mesmos e sua descendência negra. Essa reflexão perpassa pelas escolhas dos livros que serão trabalhados, mas principalmente

pelo compromisso de utilizar esse instrumento contextualizada e criticamente, trabalhando os conteúdos verbais e imagéticos de maneira que estes se tornem realmente adequados à desconstrução ideológica histórica nociva aos desfavorecidos (SOUZA, 2014, p. 178).

A falta de representação dos alunos negros, tanto na constituição imagética do prédio escolar, quanto no material pedagógico, denota a ideologia dominante desse cenário (TRINDADE, 1994). A representação veiculada pelo livro didático está muito longe da realidade brasileira. Esse índice configura um cenário de “racismo silenciado” legitimado pelo livro didático (CAMARGO, FERREIRA, 2014, p. 169). As construções discursivas dos materiais pedagógicos estabelecem uma narrativa que parece não se preocupar com as consequências dessa construção na formação identitária dos alunos.

A ausência de interseção entre texto e imagem foi uma das características reiteradas pelos pesquisadores dos trabalhos utilizados para fundamentar esta análise. Esse aspecto denuncia grande descaso com o trato das questões raciais nos discursos, tendo em vista que parece não haver uma real preocupação com a qualidade e responsabilidade do conteúdo. O que se percebe é muito mais uma questão mercadológica, que apela para o visual, sem a devida contextualização. E essa estratégia tem dado certo, já que no momento da seleção dos livros pelos professores, a apresentação visual é que muitas vezes define a escolha, que na maioria das vezes não é atenta às questões de estereotipia e inferiorização, não apenas na questão da identidade negra, mas presente também na representação das mulheres e minorias. Daí a necessidade de uma análise crítica da composição imagética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resposta à pergunta que norteou este trabalho: Como são construídas as identidades raciais através das imagens do livro didático de história de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-Paraná, os dados apontam para uma construção identitária que apresenta a identidade racial branca como majoritária numericamente no LD, apresentando as pessoas brancas como a identidade padrão da sociedade brasileira, quando os dados

oficiais apontam maioria de pessoas negras integrantes do conjunto social do Brasil. Outra característica é associação da identidade racial negra a aspectos negativos, ao estereótipo da escravização e pobreza. A identidade racial branca é apresentada de maneira positiva, associada à nobreza, posições sociais de prestígio e riqueza, e na condição de liderança sobre as pessoas negras. As imagens do LD mostram as pessoas brancas mais felizes, com roupas melhores, e em posições de líderes dos/as brancos. Nas figuras que remetem à escravização, é comum os brancos estarem com um chicote na mão, ou submetendo os brancos de alguma maneira. Essas questões são levantadas pelos/as alunos/as como percebidas de maneira violenta, na medida em que muitas vezes há a comparação por parte dos/as colegas dos/as alunos/as negros/as com as imagens do LD.

A percepção dos/as estudantes diante dos discursos que subalternizam a identidade racial negra é de incômodo e vergonha, sentimentos estes silenciados pela ausência de um debate crítico a respeito dessas construções e das consequências que elas podem trazer para a perpetuação do racismo. As construções imagéticas que constituem o LD de história analisado denunciam a necessidade de adequação desse material escolar.

A importância deste estudo reside em mostrar para professores e editoras que é real a necessidade de adequação do LD.. Os dados expressam problemas reais, que interferem diretamente nas taxas de evasão e abandono escolar, além de muitos outros problemas de cunho psicológico referentes à construção identitária e perpetuação do racismo em que a escola pode ter influência direta. Não ser visível nas ilustrações do LD, e aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo racial invisibilizado e estigmatizado “desenvolver um processo de autorrejeição e de rejeição ao seu grupo étnico\racial”. (SILVA, 2005, p. 25). De acordo com Gillborn (2002, p.1), a educação pode ser uma força no antirracismo, mas é muito frequente o próprio sistema de ensino contribuir para os problemas já existentes. No caso do livro didático, a sua capacidade permitir a legitimação de estereótipos associados à população negra pode corroborar para a perpetuação de atitudes racistas na escola.

A associação da identidade negra à escravização e pobreza é comprovada pela quantidade de imagens que estabelecem essa construção. Para os/as estudantes, ver imagens de pessoas negras majoritariamente associadas à escravização, sendo castigadas e humilhadas, impossibilita orgulho e sentimento de pertencimento a essa identidade racial. As formas de insulto usadas por alunos/as que cometem racismo são, muitas vezes, legitimadas pelas imagens do LD.

Para que se evitem comparações depreciativas com as imagens do LD e trabalhar no sentido de se positivar a identidade racial negra, se exige dos/as professores/as preparo para o trato com as questões raciais. De acordo com Ferreira (2016, p. 40): ao ensinar sobre raça/etnia em uma sala diversa e multiétnica, pode-se fazer despertar sentimento escondido e sutil, de maneira que exigirá que os professores tenham uma compreensão aprofundada do tema, que lhes possibilite lidar com qualquer assunto que possa vir à tona nas discussões a respeito dessa temática. Joly (2007, p. 47) afirma que "A tarefa do analista é precisamente a decifração das significações que a aparente naturalidade das mensagens visuais implica". No contexto escolar e em se tratando da decodificação das narrativas imagéticas do livro didático, o papel de analista é atribuído, num primeiro momento, ao professor. A ele é direcionada a função de tirar os alunos da esfera passiva da recepção e os redirecionar como participantes nos processos de construção do significado na sociedade, permitindo a possibilidade de posições de resistência aos discursos hegemônicos (LOPES, 2002, p. 55) e o estabelecimento da sua própria versão dos fatos, escapando das verdades prontas que as dinâmicas do poder os impõe.

A responsabilidade pelas ideologias transmitidas pelo professor tem um papel muito importante na constituição das identidades sociais dos educandos, por isso se faz necessária uma formação continuada que dê acesso esse conhecimento aos docentes, de forma que estes possam construir práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano escolar. Silva (2005, p. 22) acredita na necessidade de uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica que ofereça condições

ONIESKO, Paola Clarinda de Freitas; FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Representações de negros/as no Livro Didático de História*.

necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, “especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos”.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de. **Etnografia de prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação, 2005.

CAMARGO, Mábia; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de raça no livro didático de língua inglesa: a branquitude como norma. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do Livro Didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade em classe em livros didáticos**: As Políticas. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 163-183.

CARVALHO, Andréa. As imagens dos negros em livros didáticos de história. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DE GRANDE, Paula Baracat. Desafios da pesquisa qualitativa: um percurso metodológico inicial. **Língua, Literatura e Ensino**, v.2, p.101-109, maio 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. “Discurso, mudança e hegemonia” In: PEDRO, E. R. **Análise Crítica do Discurso**. Uma perspectiva funcional e analítica. Lisboa: Caminho, 1998

FERREIRA, Susana Aparecida. **Identidades sociais de raça, multiletramentos e a prática pedagógica do professor de língua inglesa**. 319f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e Funcionamento Discursivo do Livro Didático. In:

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

ONIESKO, Paola Clarinda de Freitas; FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Representações de negros/as no Livro Didático de História*.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Puc Rio: Apicuri, 1997.

JESUS, Camila Moreira de. **O privilégio da brancura na escola pública**: uma etnografia no colégio estadual Edvaldo Brandão Correia em Cachoeira–BA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Recôncavo Baiano, UFRB: Cachoeira, BA, 2014. Disponível em: . Acesso em: 31 dez.2016.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

JOUE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

JOVINO, Ione da Silva. A representação de negros e negras num livro didático de espanhol: alguns apontamentos. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do Livro Didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade em classe em livros didáticos**: As Políticas. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2014. p.121-141.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2015. P.25-44.

MACHADO, Maurimar Melo Santos Costa; REIS, Maria das Dores; LOPES, José de Souza Miguel. O preconceito no contexto Educacional. In: **Revista online**, vol. 02. UNILESTEMG, Jul. Dez/2004.

OLIVEIRA, Alaor Gregório de. O silenciamento do livro didático sobre a questão étnico-racial na primeira etapa do Ensino Fundamental. **Revista Espaço acadêmico**, n. 40, set. 2004.

PINTO, R. P. **O livro didático e a democratização da escola**. 1981. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

PIZA, Edith. **Adolescência e racismo: uma breve reflexão**. In: I Simpósio Internacional do AdolescentTE, 1., 2005, São Paulo, SP. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo-USP, 2005. Disponível em: Acesso em: 07 jun. 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.125-146, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100010>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ONIESKO, Paola Clarinda de Freitas; FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Representações de negros/as no Livro Didático de História*.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. A leitura e o leitor. **Mimesis**, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.127-143, jan./mar. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100009>. Acesso em: 01 mai. 2016.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da;. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SOUZA , Suely dos Santos. **O livro didático e as influências ideológicas das imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural**. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Sociedade e Culturas., Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/ppge/dissertacao/dissertacao-souza-2014.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

VAINFAS, Ronaldo; FERREIRA, Jorge; FARIA, Sheila de Castro; CALAINHO, Daniela Buono. **História. Doc** – 8º ano, 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.